

Capitalismo, globalização e interações com a pesquisa científica

Capitalism, globalization and interactions with scientific research

Adelcio Machado dos Santos^{1*}, Dreone Mendes¹, Rubens Luis Freiburger¹

RESUMO

Um dos atributos da globalização é o fato de se manifestar, nos mais diferentes campos que amparam e compõem a sociedade. Surge uma sociedade fundada no sistema econômico denominado capitalismo, um processo histórico extenso. O objetivo do estudo é identificar as interações do capitalismo e a globalização sobre as pesquisas científicas. Utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa, de revisão bibliográfica sistemática, em artigos publicados entre 2010 e 2020. Quando se abraça uma significação de globalização que abaliza um objetivo de independência nas sociedades, é possível criar teorias que codificam esse processo, como uma forma de conquista entre as comunidades, tornando a ciência um processo de ideias que se movem em múltiplas direções. Esta análise projeta luzes sobre o capitalismo e a globalização, abordando suas relações com as pesquisas científicas, realçando a sua dimensão estruturante do processo de integração e conhecimento.

Palavras-chave: Capitalismo; Globalização; Relações; Pesquisa Científica.

ABSTRACT

One of the attributes of globalization is that it manifests itself in the most different fields that support and make up society. A society founded on the economic system called capitalism emerges, an extensive historical process. The objective of the study is to identify the interactions of capitalism and globalization on scientific research. Qualitative, systematic literature review research was used as methodology in articles published between 2010 and 2020. When one embraces a meaning of globalization that supports a goal of independence in societies, it is possible to create theories that codify this process, as a form of conquest among communities, making science a process of ideas that move in multiple directions. This analysis sheds light on capitalism and globalization, addressing their relations with scientific research, highlighting their structuring dimension in the process of integration and knowledge.

Key-words: Capitalism; Globalization; Relations; Scientific research.

¹ Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP).
E-mail: adelciomachado@gmail.com

INTRODUÇÃO

A formação do conhecimento constitui-se um investimento fundamental nos países desenvolvidos, e recebe cada vez mais destaque nas organizações. Isso significa que o saber se transformou em um elemento basilar na dinâmica da nova ordem mundial: conhecimento e informação são recursos estratégicos e agentes transformadores da sociedade.

As transformações no mundo do trabalho influenciam à composição da sociedade da informação, se anteriormente o conhecimento compunha a base das pesquisas científicas, a globalização acrescentou um grau de acesso sem precedentes às informações. A inovação técnica e o crescimento econômico, se tornaram o mecanismo principal da economia, da reestruturação produtiva e do determinante fundamental da mudança de laboração. (ANES, 2021).

O enfrentamento de desafios pelas organizações deve ocorrer com o estímulo de processos de aprendizagem entre os cooperados, com colaboração e dinamismo coletivo para o enfrentamento dos desafios colocados pelas mudanças na era do conhecimento. (SARAVALLI, 2020).

Conhecimento para Borges Júnior (2018, p. 5 *apud* Davenport e Prusak, 1998) é como uma mistura fluída de experiência que condensa valores, informação contextual e *insight* experimentado, a qual proporciona uma estrutura para a avaliação e incorporação de novas experiências e informações.

No século XXI, o principal produto ou serviço da economia é o conhecimento, somando valor as atividades inteligentes assim, identificar os componentes ativos tangíveis e intangíveis é imprescindível. Conseqüentemente, as organizações operam, enfocando nas atividades realmente agregadoras de valor, ou, em outros termos, mais intensivas em inteligência, tratando de organizar e armazenar o conhecimento, registrando-os. Cada vez mais, as atividades rotineiras ou manuais perdem importância. (NEVES, *et al.*, 2019).

A ciência, tecnologia e inovação estão interligadas, funcionando como elementos centrais na organização da sociedade contemporânea, funcionando como afirmação da soberania e democracia dos países no mundo globalizado. O conhecimento é uma rede complexa de interações de informações, orientando o que pode ser realizado,

por conseguinte, a representação daquilo que poderia ser objeto de uma decisão na sociedade. (OLIVEIRA, 2018).

No Hemisfério Ocidental, a modificação de uma sociedade da manufatura para uma sociedade industrial mudou a visão do homem de si, conseqüentemente mudou a visão da história. Surge uma sociedade fundada no sistema econômico denominado capitalismo, um processo histórico extenso que deu origem as três camadas populacionais: a camada capitalista, camada intermediária (classe profissional ou tecnoburocrática) e a classe trabalhadora, causando a modificação concomitantemente de toda a cultura ocidental. (BRESSER-PEREIRA, 2018).

No Modo da Produção Capitalista, a relação existente entre economia e comunicação é inerente ao trabalho humano, o sistema de comunicação nasceu como elemento motivador e acelerador do sistema econômico. Assim, a comunicação faz a mediação entre o trabalho (economia), o sujeito e suas necessidades. (BOLAÑO, 2018; LOPES; SILVA, 2021).

No quesito globalização, ocorreram transformações culturais locais e, conseqüentemente, alterações em suas identidades, e, com o passar dos anos, abrangeu em larga escala todos os continentes. Neste sentido, o globalismo abarca relações, processos e estruturas de predomínio e apropriação de demandas mundiais, submergindo as possibilidades de soberania e supremacia, produzindo a visão de um novo período histórico de um mundo capitalista sem fronteira. (PAUTASSO; FERNANDES, 2017).

Destarte, diante da consciência crescente que todos nós fazemos parte do mesmo globo, também fazemos parte de suas adversidades (ecológicas, históricas, políticas, econômicas, religiosas e éticas).

É neste sentido que a globalização é entendida como um processo mundial de internacionalização econômica com forte impacto sociocultural. (MOROSINI; DALLA CORTE, 2018). Em outras palavras, a globalização é vista como um processo objetivo de progressiva independência das diferentes sociedades humanas espalhadas pelo planeta, ou seja, há teorias que leem esse processo como uma nova forma de dominação de umas sociedades sobre as outras.

Diante do exposto, o objetivo do estudo é identificar as interações do capitalismo e a globalização sobre as pesquisas científicas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de revisão sistemática da literatura, com intuito de reunir e analisar artigos na íntegra, publicados entre 2010 e 2020, disponibilizados em bases de dados, concedendo visão ampla sobre o tema de pesquisa.

Para condução da pesquisa, percorreram-se seis etapas: elaboração da pergunta de pesquisa; levantamento dos estudos primários; extração dos dados encontrados; avaliação dos estudos; análise e síntese dos resultados. (SOUZA *et al.*, 2010).

Destarte, o estudo tem como questão norteadora: Qual a relação do capitalismo e da globalização com as pesquisas científicas?

Como critérios de inclusão selecionaram-se: artigos originais e na íntegra, publicados entre 2010 e 2020, escritos na língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola e disponibilizados na íntegra e gratuitamente nas bases eletrônicas Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando-se na pesquisa as palavras-chave: Capitalismo; Globalização; Relações; Pesquisas Científicas.

Após levantamento dos estudos, os pesquisadores realizaram a leitura dos títulos e resumos, já fazendo descarte/exclusão dos artigos que não se enquadravam nos critérios de inclusão. O próximo passo contemplou a leitura dos textos publicados na íntegra nas bases de dados, selecionando os estudos elegíveis para responder a especificidade da pesquisa e descartar os estudos inelegíveis para pesquisa.

Os resultados foram apresentados em três categorias: Capitalismo X Globalização; Pesquisas Científicas; Capitalismo, Globalização e suas Relações com as Pesquisas Científicas.

CAPITALISMO X GLOBALIZAÇÃO

O mundo e a sociedade atual vivem um período de profundas transformações. Conceitos estão surgindo, ressurgindo e sendo adaptados, nascendo à Era do Conhecimento. Portanto, nas sociedades contemporâneas (de acumulação) o trabalho exerce um papel estruturante muito forte no meio social. (ROSSO, 1996).

É nesta sequência que o capitalismo é visto como sendo um sistema econômico marcado pela acumulação de recursos financeiros e materiais. Tal prática está fundamentada nas relações de compra e venda, e nas necessidades dos indivíduos,

estimulado por uma economia que, gradativamente, começou a ser abalizada em valores numéricos. (BRESSER-PEREIRA, 2017).

No mesmo sentido, Lima (1998) aponta que “a natureza própria do capitalismo exige, para sua sobrevivência, acumulação e investimentos crescentes”.

Assim sendo, o sistema capitalista é cingido em quase todo o mundo, tendo como marco inicial entre os séculos XIII e XV com o enfraquecimento do sistema feudal, surgindo então, a classe burguesa, que na época, foi considerada a classe dos ricos mercadores. No entanto, há aqueles que defendem que o capitalismo está atrelado a uma evolução natural da atividade humana, ou ainda, que o capitalismo surgiu no ocidente europeu pelo fato de haver uma demanda de comércio que se beneficiou da inexistência dos entraves ligados às práticas econômicas urbanas da época. (COMPARATO, 2011; GASPAR,2015).

Essa teoria também, foi defendida por Max (1985), quando delineou que a origem do capitalismo ocorreu em detrimento da decomposição do feudalismo e no incremento de novos contornos de aparelhamento econômico e social. (QUINTANA; HACON, 2011).

Atualmente, há certo consenso entre os estudiosos de que o capitalismo está hoje em sua terceira fase, que corresponde ao “capitalismo financeiro”, sendo que suas duas fases anteriores correspondem ao comercial e ao industrial.

Para tanto, segundo Gaspar (2015), a adoção do mercantilismo foi um dos motivos que propiciou o desenvolvimento do trabalho no modelo capitalista e corresponde a uma política global adotada pelo Estado moderno europeu, cuja principal característica é satisfazer os interesses da burguesia emergente do período, através de diferentes maneiras, a saber: comercial, na Inglaterra; industrial na França; metalista, na Espanha.

É nesta linha que Pereira *et al.* (2017, *apud* Catani, 1986, p. 8), arrazoa que o Capitalismo é um “determinado modo de produção de mercadorias, gerado, historicamente, desde o início da Idade Moderna e que encontrou sua plenitude no intenso processo de desenvolvimento industrial inglês, ao qual se chamou de Revolução Industrial”.

Para Gaspar (2015), formou-se uma aliança entre comerciantes e realeza, o mercantilismo reconheceu como legítima a intervenção econômica do Estado no setor produtivo, como, na agricultura, nas manufaturas, no comércio, e estabeleceu uma

estratificação mais rígida e hierárquica da sociedade em ordens (nobreza, clero e povo). Formam-se os grandes impérios econômicos e os poderosos estados europeus, impulsionando a economia do mundo.

É proeminente destacar que, mesmo associando o sistema capitalista como um sistema econômico, seu modo de produção, também vai interferir diretamente em outros aspectos, como o processo político e o social, antemão, ao sistema que vai influenciar na organização de todos os aspectos de uma sociedade.

Para tanto, o processo do capitalismo foi se atualizando e renovando no decorrer da história, chegando até a forma atual. É neste sentido, que Vieira *et al.* (2015a, p. 69-70 *apud* Sposito 1998) assim descreveu:

[...] há uma articulação desenvolvimento-subdesenvolvimento, e não apenas sequências ou fases de um desenvolvimento único, engendradas pelo capitalismo avançado, e concretizadas em diferentes escalas do território (partindo da cidade, passando pela região e atingindo o nível nacional). A evidência da articulação entre as economias nacionais sob o capitalismo, e de sua integração numa economia global é o fato de que apesar de haver um desenvolvimento/industrialização a nível mundial, ele seja diferenciado, embora combinado. Nesta articulação entre países “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos” está a base o desenvolvimento do capitalismo monopolista, e neste movimento os “desenvolvidos” subordinam os “subdesenvolvidos”, estabelecendo o que Castells denomina desenvolvimento dependente.

Fato, as transformações que o capitalismo promoveu em diversas sociedades nacionais contribuíram para que essa organização do espaço se desencadeasse em diversas nações, mesmo naquelas onde a industrialização não foi representativa, isto é, em diversas áreas do mundo subdesenvolvido oferecedor das diferentes e diversificadas matérias prima. (VIEIRA *et al.* 2015).

A valer, Kopnin (1978) discorre que o homem reflete a realidade, não apenas na qual ela existe imediatamente, mas também como pode e deve ela ser construída para atender as suas necessidades sociais. Muitas vezes para atender suas necessidades, o homem cria, através do conhecimento, objetos não observados na natureza.

Por derradeiro, toda a organização da sociedade e as relações de interação que os indivíduos estabelecem entre si estão, de certo modo, ligados a determinadas instituições ou organizações, também, desenvolvidas por eles. (SANTOS; SILVA, 2020). No mesmo sentido, ao advertir que, no capitalismo, mais que o fator econômico de uma sociedade, está em jogo à vida dos cidadãos, vale lembrar que neste contexto existem falhas e diferenças de pensamentos, alinhados numa circularidade incessante.

Assinala-se assim, que a vivência de um paradigma faz com que se naturalizem os conceitos, os algoritmos e os objetivos de um trabalho de pesquisa.

Nesta dinâmica, Santos; Silva (2020, p. 47377 *apud* Azevedo, 2008) relata que a reação social ao desvio evolui nas sociedades modernas em direção a modos de controle mais formais e mais institucionalizados, que abarca o Direito e as instituições judiciárias estatais, caminhando na direção de técnicas baseadas no convencimento do que na coerção, com o apoio dos meios de comunicação de massa.

De tal maneira, o processo da globalização pode ser considerado novo quanto à unificação de mercados, a utilização de amplos e avançados meios de comunicação e que levam a informação a uma velocidade assombrosa. (MOREIRA, 2010a). Surge assim, um novo paradigma para se levar em conta os novos e rápidos meios de transportes e uma economia interligada de forma ampla e geral, com todas as casas monetárias do mundo.

A globalização é mais que um processo e um fenômeno de abertura das economias mundiais de forma sincronizada, apresenta-se resultado, por alguns, de uma mundialização homogeneizada. Porém, é indubitável que a globalização possa ser entendida como um processo seletivo, uma vez que ela visa a determinadas regiões, atividades ou segmentos sociais a serem integrados mundialmente. (GOMES, 2013).

A respeito do tema, Vieira; Diniz (2015, p. 14 *apud* Grew 1993, p. 228) discorre:

Poucas afirmações provocam tão pequenas controvérsias como a de que os seres humanos estão hoje em contato uns com os outros em todo o mundo como nunca na história. A lista de exemplos tornou-se uma litania: a comunicação instantânea da informação, a cultura universal de estilos e experiências, o alcance mundial de mercados e mercadorias, os produtos compostos de partes oriundas de diferentes continentes. E a referência à aldeia global tornou-se um clichê que poucos contestam.

Também, a Antropologia se debruça sobre o tema, conforme Santana Neto (2012 *apud* Moore, 1996, p. 7), da seguinte forma:

A ideia de que o mundo pode ser visto como um pequeno viveiro ligado pela abrangente força da mídia e do capitalismo internacional é o pano de fundo que serve de base ao empenho de muitos intelectuais, à atividade comercial e às diretrizes de governo na atualidade. Uma das coisas que a tecnologia realmente revoluciona é a escala, ou são as escalas, em que operam as relações sociais.

Do mesmo modo, o sistema de ideias do processo da globalização se expandiu rapidamente, tornando-se uma crença a alimentar o senso comum dos homens, além de propiciar e alimentar uma série de fenômenos reais: o avanço nos meios de

comunicações, ampliação nos meios de produção, o crescimento do comércio internacional envolvendo todos os países e a agilidade nas operações financeiras. (JORENTE, 2012).

PESQUISAS CIENTÍFICAS

A história da ciência é a história do conhecimento, sobre o qual não existe consenso entre seus doutrinadores. Porém, há de se relevar que a ciência se pode absorver, exclusivamente, com o aprendizado e suas experiências, estando em constante processo de revisão, o que possibilita o descobrimento de novos pontos de vista. (ASSIS, 2014).

Assim Vidotto *et al.* (2011, p. 3, *apud* Sveiby, 1998) pondera “que a economia da Era do Conhecimento, oferece recursos ilimitados porque a capacidade humana de gerar informações é infinita”. Deste modo, as pesquisas científicas têm sua importância no contexto da história, a ponto de trazer grandes conquistas e realizações para a humanidade.

De tal sorte, o reconhecimento das pesquisas científicas está relacionado à produção de trabalhos que demonstrem um grande domínio das metodologias utilizadas para a construção do conhecimento. (PRAÇA, 2015).

Nesta perspectiva, cada seguimento da ciência carrega em si uma epistemologia que se manifesta em suas formas de interpretar o mundo, na linguagem desenvolvida para a definição de seus fenômenos e nas diferentes técnicas de investigação e transformação da realidade. E mais, elas se formam em diferentes especialidades, que se definem, não apenas pela constituição de um objeto de estudo particular, mas por suas formas de pensá-lo e torná-lo inteligível. (PRAÇA, 2015).

Conforme Costa e Porto (2010), a pesquisa é algo que se examina, utilizando critérios e especificações. Para os autores, trata-se de um processo sistemático, levando em conta os critérios formais que acompanham os seus processos, atrelados às especificações de seus modelos.

A pesquisa, ainda pode ser considerada como sendo, segundo Goulart (*et al.*, 2016, p. 284, *apud* ANDRADE, 1995, p. 121). “um conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos”.

A ciência está presente, empiricamente, desde os tempos pré-históricos, quando o homem dominou o fogo, se fixou na terra deixando de ser nômade, inventou a agricultura e a roda, domesticou os animais e trabalhou com os metais. Na idade média, a ciência passou a ser trabalhada dentro das universidades, chegando a Galileu Galilei com sua contribuição da Luneta, e, após Galileu, a ciência passou a ser um setor autônomo. (ROSA, 2012).

Historicamente a ciência moderna nasce ligada ao capitalismo. Para Gault (2015, p. 157, *apud* Lacan 1998), o que distingue a ciência moderna, na ordem do tempo, é a aceleração crescente que marca seu desenvolvimento e o da técnica que a acompanha.

No século XX, a ciência e seus métodos objetivos desenvolveram pesquisas em todas as frentes do mundo físico e humano, atingindo um grau de precisão surpreendente, não somente na área de exploração espacial ou da medicina, como nos mais variados setores da sociedade. (IMANÃ-ENCINAS; SANTANA, 2019).

De modo mais abrangente, o que define o status científico de uma teoria é a sua capacidade de ser submetida a testes e refutações, caracterizando a legitimidade do processo na busca de uma teoria mais universal. (MOREIRA, 2010b).

Ante as transformações que o mundo vem sofrendo, em especial, nos aspectos ambiental e social, crescem os desafios relacionados ao campo da pesquisa científica, impondo aos pesquisadores a observância de novos paradigmas nas diferentes áreas do conhecimento.

A pesquisa científica, na visão de Ruiz (1991) descreve como sendo uma realização efetiva de uma investigação delineada, ou seja, é aquela desenvolvida e composta de acordo com as normas metodológicas consagradas pela ciência.

Já para Andrade (2003, p. 121), a pesquisa científica é considerada como sendo “o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseada no raciocínio lógico que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização do método científico”.

No mesmo sentido, Chizzotti (1991, p.11), descreve que as descobertas científicas resultam das investigações e de seus experimentos, pois assim dispõe:

(...) cabe à pesquisa investigar o mundo em que o homem vive e o próprio homem. E para essa atividade, o pesquisador recorre à observação e à reflexão que faz sobre problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas,

a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida.

Ocorreu, destarte, que o fenômeno modernizador da estrutura social, por meio de movimentos sequenciais visa promover a industrialização, a urbanização, à alfabetização, com a exposição aos meios de massa e a participação coletiva nas decisões nacionais e comunitárias.

Na visão de Silva (2007), o ato de colocar em prática a pesquisa, requer-se a criação de um roteiro, de forma planejada e minuciosa, seguindo todas as etapas a serem observadas, como: seleção do tema de pesquisa, definição do problema a ser investigado, processo de coleta, análise e tratamento dos dados, e apresentação dos resultados. Em pesquisas, os estudiosos utilizam o paradigma como fundamento sobre o qual a comunidade científica desenvolve suas análises, as quais servem de base para os desenvolvimentos subsequentes da ciência.

Um paradigma se compõe de regras que orientam a investigação científica, uma vez que se estabelece um determinado paradigma à pesquisa avança na solução dos problemas. (KUHN, 2001).

Assim, Pádua (1996) define o paradigma como um exemplar, um modelo padrão, sobre o qual é efetuado a construção idealizada que serve para análise ou avaliação de uma realidade concreta. Por conseguinte, um paradigma é uma forma predominante e específica de explicação da realidade, em um determinado momento, orientando a prática dos pesquisadores, suas relações com o trabalho, à cultura e a organização social.

Á medida em que tem início o aparecimento de anomalias em um protótipo, que comprometem a objetividade e exatidão da pesquisa científica e cuja solução torna-se inviável em termos teóricos, produz-se uma “quebra” de paradigma e sua consequente substituição por outro. (LIRA, 2010).

Na concepção de Kuhn (2001), o desenvolvimento constante da ciência deve-se as anomalias que conduzem ao falseamento de teorias científicas e às mudanças de paradigmas. O tempo de acúmulo dos fatores presentes que atingem as partes vitais do paradigma desencadeiam os estados de crises, conseqüentemente, levam as mudanças.

É neste sentido, que a pesquisa científica é vista como sendo toda prática delineada para a formação do conhecimento, sendo esta desenvolvida para exceder certas dificuldades que nascem no processo de conhecimento dos fenômenos, como,

também, para explicar os fatos não conhecidos e para mostrar as limitações das velhas maneiras de explicação dos fatos já conhecidos. (SERRANO, 2003).

A pesquisa pode ser apresentada como sendo uma busca de respostas para certos questionamentos ou problemas, sem consecução de soluções imediatas na literatura, particularizada a respeito do assunto. É neste seguimento que Serrano (2003, p. 84) dispõe:

Toda pesquisa científica é um processo que consiste na investigação de alguma coisa: átomos ou nuvens, células ou ecossistemas, sociedades ou ideias. O processo de pesquisa é o que constitui os campos de pesquisa ou ciência.

Destarte, revela-se que a pesquisa científica objetiva basicamente colaborar para a evolução do conhecimento humano em todos os campos, delineada e executada segundo os rigorosos critérios de processamento das informações levantadas sobre o tema de estudo.

Por conseguinte, a pesquisa científica constitui sempre um segmento essencial à condição humana, por desejar resolver os problemas próprios da vida, pela necessidade sempre incansável de conhecer e transformar a natureza, para, assim, prover as suas necessidades materiais e espirituais. (SERRANO, 2003).

CAPITALISMO, GLOBALIZAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM AS PESQUISAS CIENTÍFICAS

A distribuição do conhecimento é uma precisão econômica do mundo atual dos negócios. Por derradeiro, o senso comum ou conhecimento corriqueiro noticiar-se na quantidade de informações que são legadas, impregnadas ou ainda restauradas pelos indivíduos, sem passar por um processo de organização.

De tal modo, habitam-se com inúmeras crenças e mitos vivenciados por grupos sociais, sem teor crítico, repassados pelas diferentes gerações. (MEZZARROBA, 2014). Registra-se que a ciência, na condição atual, tem em seu bojo, o resultado de descobertas científicas, cada vez mais aprimorada em decorrências do surgimento das tecnologias modernas. Assim, o seu nível recente de acréscimo foi resultante da evolução de técnicas, fatos empíricos e leis. (ARAÚJO 2017).

No mesmo sentido, Probst *et al.* (2002) observam que, nos últimos tempos, as oportunidades e riscos intrínsecos na troca global de dados, informações e

conhecimentos, se tornaram uma questão social. Implicando na geração dos conhecimentos nas relações sociais, estando em constante movimento e renovação. (OLIVEIRA,2021).

Revela-se que a pesquisa é uma atividade tão representativa e importante na sociedade, que o número de profissionais dedicados a essa ocupação aumentou significativamente. Muito do que parecia estabelecido em termos de conceitos, categorias ou interpretações, relativos aos mais diversos aspectos da realidade social, parece perder significado, tornar-se anacrônico ou adquirir outros sentidos.

Indubitável é que, com o aumento considerável do conhecimento humano, a ciência vem se harmonizando aos cidadãos com uma participação de fato em seu desenvolvimento, buscando, dentre seus objetivos a melhoria da qualidade de vida, além dos componentes que atendam às necessidades básicas de sobrevivência e de seus desejos, sejam eles estéticos, como também, clínicos.

No mesmo sentido, Feyerabend (1977) aponta em seus ensinamentos que o pesquisador deve escolher a melhor teoria para sugestão das hipóteses de solução para o problema de estudo. São benéficas inúmeras teorias, desde que não prevaleça à uniformidade de teoria como ajuste de solução, que ameace o livre desenvolvimento do indivíduo.

Atualmente, diante das transformações que o mundo vem suportando - ambiente e sociedade - crescem os desafios conexos ao campo da pesquisa científica, atribuindo aos pesquisadores à observância de novos paradigmas nas diferentes áreas do conhecimento.

É relevante apontar que, fazer ciência também passa por mudanças e/ou inovações para que possa atender às novas precisões e interesses da sociedade globalizada. Isto porque, o que poderia ser considerado válido no passado, hoje, pode não ter a mesma validade ou eficácia de suas precisões, requerendo, para tanto, a criação de novos paradigmas que conduzam às novas descobertas científicas. (OLIVEIRA; MOURA, 2015).

A respeito do tema, Diniz-Pereira; Zeichner (2017) discorrem que a pesquisa está permanentemente, averiguando o homem e o mundo assim, muitos pesquisadores utilizam a pesquisa-ação para observar e refletir sobre os dilemas encontrados na realidade, estruturar soluções e apontar soluções práticas tentando alcançar o equilíbrio entre homens - mundo.

O processo da globalização, distribuídos nos territórios e suas fronteiras, atrelados a todo regime político, social e cultural, parecem mesclar-se, tencionar-se e dinamizar-se em outras modalidades, direções ou possibilidades.

Para Mezzaroba e Monteiro (2014), as dificuldades nas pesquisas científicas está na quebra de velhos e antiquados paradigmas que moldam nossas crenças e atitudes, pois o processo da globalização abrange uma camada indeterminada de indivíduos, estando ela estampada de forma individual ou coletiva, em movimentos sociais, em organizações e corporações empresariais, organizações religiosas, atividades intelectuais e outras, que passam a ser influenciadas pelos movimentos e pelas configurações do globalismo.

Nesse contexto quando se multiplicam as relações, os processos e as estruturas de ascendência e assimilação, bem como, de sua conexão e fragmentação, em escala mundial surgem novas exigências epistemológicas. Por sorte, a aptidão das relações, processos e estruturas de âmbito mundial, com as suas implicações locais, nacionais, regionais e mundiais, exigem conceitos, categorias ou interpretações de alcance global.

No âmbito das pesquisas científicas, a geração do conhecimento é muito mais que uma meta a ser alcançada. Isto por que, segundo Leff (2011 *apud* Khun 1962), ao tratar dos paradigmas científicos, ela deve ser entendida como sendo um processo submetido aos incidentes de percurso que, por isso mesmo, promovem rupturas e reconstruções constantes em seus conceitos e juízos sobre a realidade estudada.

Como bem destacou Albrow (1990, p.9), a “globalização diz respeito àqueles processos pelos quais os povos do mundo são incorporados em uma sociedade mundial, uma sociedade global”. Já McGrew (1992), apontou que a globalização está relacionada à multiplicidade de relações e interconexões entre Estados e sociedades, além das consequências para os indivíduos e a coletividade como um todo.

De qualquer modo, qualquer fato que ocorre em qualquer lugar, no mundo atual, pode produzir muito rapidamente seus efeitos em outros lugares. Todas as partes do mundo estão crescentemente entrelaçadas em um vasto processo. Alguns dos motivos para este novo sentido de interconexão mundial baseiam-se na ideologia e outros simplesmente na comunicação e informação mais rápida, acelerada no processo mundial da disseminação das informações.

No contexto da globalização e mudanças estruturais no âmbito das pesquisas científicas, é imperioso apontar os ensinamentos de Hobsbawm (1996), o autor ressalta

que é necessário estar sempre atento para as mudanças ambientais e as transformações sociais e culturais que ocorrem na sociedade.

Assinala-se, ainda, que, nessa empreitada, o homem encontra-se com todas as forças da natureza e da sociedade, associando todas as energias da sua capacidade criadora, organizando todas as possibilidades de suas ações e compilando as melhores técnicas e instrumentos para o bom andamento de sua vida. Assim, os esforços criados e implantados no âmbito das pesquisas científicas, revelam-se na criação de novos paradigmas nas pesquisas científicas para acompanhar as transformações do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na visão do Capitalismo, a globalização e suas relações com as pesquisas científicas, se sobrepõem sobre a natureza externa do homem. É como se diante desses dois polos, o homem, sujeito da natureza universal, estivesse constantemente buscando dominar essa natureza externa, o que levaria a criação de uma unicidade.

No processo da **Globalização, é indiscutível, que ela** se manifeste em diferentes campos que amparam e compõem a sociedade, inclusive nos processos de transformações das pesquisas científicas e suas influências na vida de cada cidadão. Por vez, o sistema econômico do Capitalismo diante do processo da Globalização, vem proporcionando mudanças no mundo do consumo dos indivíduos, mediante estratégias que reorganizam as formas de acesso as suas diversidades, articulados através de redes constituídas em torno de centros de interesse que unem forças específicas de mercado.

Ainda é possível observar que ao abraçar uma significação de globalização que abaliza um objetivo de independência nas sociedades, é possível criar teorias que codificam este processo como uma forma de conquista entre as comunidades, tornando a ciência um sistema de ideias que se movem em múltiplas direções.

Esta análise projeta luzes sobre o capitalismo e a globalização, abordando a sua relação com as pesquisas científicas, realçando a sua dimensão estruturante do processo de integração e ao conhecimento. É neste horizonte que o processo de globalização abarca um processo mundial de internacionalização econômica com forte impacto sociocultural. Em outras palavras, a globalização é vista como um processo objetivo de progressiva independência das diferentes sociedades humanas espalhadas pelo planeta, ou ainda, como uma nova forma de dominação de umas sociedades sobre as outras, seja economicamente, socialmente e/ou intelectualmente.

Destarte, observa-se que, nos últimos tempos, as oportunidades e riscos intrínsecos na troca global de dados, informações e conhecimento, se tornaram uma questão social, estando em constante movimento e renovação.

À guisa de conclusão, revela-se que os novos tempos e os novos espaços, diante das novas formas de organização das sociedades mundiais, exigem das ciências e dos pesquisadores afins, uma imperiosa necessidade de revisão ética dos conceitos e das categorias de análise, tanto no âmbito da natureza, como da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALBROW, M. *Globalization, knowledge and society*. In: ALBROW, M.; KING, E. (ed.). *Globalization, knowledge and society*. Londres: Sage Publications, 1990. p. 3-13.
- ANDRADE, M. M. Pesquisa científica: noções introdutórias. In: ANDRADE, M. M. (org.). **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003. cap. 10, p. 121-127. . Acesso em: 8 mar. 2022.
- ANES, R. R. M. Reestruturação produtiva, conhecimento e adequação da universidade aos molde empresariais. **Germinal Marxismo e Educação em Debates**, v. 13, n. 1, p. 277-195, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/43516/24614>. Acesso em: 8 mar. 2022.
- ARAÚJO, C. A. A. Uma história intelectual da ciência da informação em três tempos. **RACIn**, v. 5, n. 2, p. 10-29, 2017. Disponível em: http://arquivologiauepb.com.br/racin/edicoes/v5_n2/racin_v5_n2_artigo01.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.
- ASSIS, K. R. História e filosofia da ciência no ensino de ciências e o denate universalismo versus relativismo. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v.7, n. 2, p.149-166, 2014. Disponível em: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/214>. Acesso em: 8 mar. 2022.
- BOLAÑO, C. Crítica e emancipação nos estudos da informação, da comunicação e da cultura. **Revista Epitc**, v. 20, n. 1, p. 100-10, 2018.
- BORGES JÚNIOR, G. M.; RIGO, S. M.; PINHEIRO, L. J. O.; YAMAGUCHI, K. Aplicabilidade da gestão do conhecimento no setor de tecnologia da informação numa instituição federal de ensino. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE *CONOCIMIENTO E INOVACIÓN*, 8., 2018, Guadalajara. **Anais [...]**. Guadalajara: *Universidad de Guadalajara*, 2018. Disponível em: <https://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/issue/view/14>. Acesso em: 26 fev. 2022.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. Capitalismo financeiro-rentista. **Política e dinheiro**, v.32, n. 92, p. 17-29, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ptBDvD5MzRN7yq4hghpkCJp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 mar. 2022.

CATANI, A. M. **O que é capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

COMPARATO, Capitalismo: civilização e poder. **Estudos Avançados**, v. 25, n. 72, p. 251-276, 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ea/a/6rdrn6gfnjWGcwjBVcFszSWh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 fev. 2022.

COSTA, P. R.; PORTO, G. S. Gestão da cooperação empresa-universidade: caso de uma multinacional brasileira. **RAC**, v. 14, n. 1, p. 100-121, 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rac/a/9VD7PJPLrzDJbjF7pdvG9Lb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 mar. 2022.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

DINIZ-PEREIRA, J. E.; ZEICHNER, K. M. **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

GASPAR, R. C. A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios conemporâneos. **Cad. Metrop.**, v. 17, n. 33, p. 265-296, 2015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cm/a/rbnKdf7jR6gT3mLbcQmNgKG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jan. 2022.

GAULT, J. L. O nascimento da ciência moderna. Uma leitura de “a ciência é a verdade”. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 67, n. 2, p.156-161, 2015. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/2290/229042579012.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.

GOMES, R. W. **A geopolítica portuária do século XXI no município Rio Grande/RS: uma proposta de educação ambiental crítica/emancipatória**. 2013 Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Instituto de Educação, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000010218.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

GOULART, G. S.; DAMACENA, C. A. M.; BAIROS, C. R.; BARBOSA, D. R.; ARCARO, J. M. N.; REPETTO, V. B. B. Os paradigmas frente à ciência. **Revista de Extensão**, v. 3, n. esp., p. 282-287, 2016. Disponível em:
<http://coral.ufsm.br/revistaccne/index.php/ccnext/article/view/941/672>. Acesso em: 2 mar. 2022.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

IMANÃ-ENCINAS, J.; SANTANA, O. A. **O trabalho científico na metodologia científica**. Brasília: UNB, 2019. Disponível em:
https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34368/1/LIVRO_TrabalhoCientificoMetodologia.pdf. Acesso em: 26 jan. 2022.

JORENTE, M. J. V. **Ciência da informação: mídias e convergência de linguagens na web**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. (Coleção PROPG Digital - UNESP). Disponível em:
<http://hdl.handle.net/11449/109223>. Acesso em: 28 jan. 2022.

LEFF, E. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. **Olhar de professor**, v. 14, n. 2, p. 309-335, 2011.

LIMA, G. F. da C. Consciência Ecológica: emergência, obstáculos e desafios. **Revista Ciência Sociais - Política & Trabalho**, p.139-154, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6420/19721>. Acesso em: 3 nov.2020.

LIRA, G. V.. **Epistemologia, metodologia e prática de um modelo cartográfico de avaliação curricular em educação médica**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

LOPES, Q. V.; SILVA, M. S.; SANTOS, A. R. J. O capitalismo e a educação. **Conjecturas**, v. 21, n. 3, p.387-401, 2021. Disponível em: <http://www.conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/124/100>. Acesso em: 8 mar. 2022.

KOPNÍN, P. V. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MCGREW, A. G. Conceptualizing global politics. *In*: Anthony G. McGrew, Paul G. Lewis (ed.). **Global politics**. Cambridge: Polity Press, 1992. c. 1, p. 1-28.

MEZZAROBA, C. S. **Manual de metodologia da pesquisa no direito**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

MOREIRA, C. S. A integração regional como resposta ao processo de globalização. **Gestão Contemporânea**, ano 7, n. 7, p. 215-243, 2010a. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17553/material/1.%20ARTIGO%20A%20integra%C3%A7%C3%A3o%20regional%20como%20resposta%20ao%20processo%20de%20globaliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2022.

MOREIRA, M. A.. **Epistemologia e ensino de física**. Porto Alegre: Instituto de Física – PPGEnFis, UFRGS, 2010b. (Texto de apoio ao professor de Física).

MOROSINI, M. C.; DALLA CORTE, M. G. Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. **Revista Educação em Questão**, v. 56, n. 47, p. 97-120, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/14000>. Acesso em: 8 mar. 2022.

NEVES, I. D.; AMARANTE, J. M.; MENEGASI, C. H. M. A influência da gestão do conhecimento na motivação empreendedore de profissionais da área de tecnologia da informação. **Revista Valore**, v. 4, p. 15-28, 2019.

OLIVEIRA, G. M. M.; SILVA, P. C. O constante movimento de renovação. **Epígrafe**, v. 10, n. 1, p. 7-19, 2021.

OLIVEIRA, T. As políticas científicas na era do conhecimento: uma análise de conjuntura sobre o ecossistema científico global. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, p. 191-21, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/fY6npwPvcTjd4ZRCWfsykyF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2022.

OLIVEIRA, C.; MOURA, S. P.; SOUSA E. R. TIC'S na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v.7, n. 1, p. 75-94, 2015.

PÁDUA, E M. M. de. **Metodologia de pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas: São Paulo, 1996.

PAUTASSO, D.; FERNANDES, M. P. Soberania ou “globalização”? Reflexões sobre um aparente antagonismo. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, v.6, n.11, p.221-240, 2017.

PEREIRA, R. S.; MOSTAGI, N. C.; AGUIAR, E. C.; REZENDE, C. H. S. O discurso da sustentabilidade no capitalismo uma falácia. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E O MEIO AMBIENTE, 9., 2017, São Paulo. **Anais eletrônico [...]**. São Paulo: USP, 2018. p. 1-16. Disponível em: <http://engemausp.submissao.com.br/19/anais/arquivos/297.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

PRAÇA, F. S. G. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista Eletrônica Diálogos Acadêmicos**, n. 1, p. 72-87, 2015. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf. Acesso em: 18 nov. 2020.

PROBST, G.; RAUB, S.; ROMHARDT, K. **Gestão do conhecimento: os elementos construtivos do sucesso**. 1. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

QUINTANA, A. C.; HACON, V. O desenvolvimento do capitalismo e a crise ambiental. **O Social em Questão**, ano XIV, n. 25/26, p. 427-444, 2011. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/21_OSQ_25_26_Quintana_e_Hacon.pdf. Acesso em: 8 mar. 2022.

ROSA, C. A. P. **História da ciência: da antiguidade ao renascimento científico**. v. I, 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/1019-Historia_da_Ciencia_-_Vol.I_-_Da_Antiguidade_ao_Renascimento_Cientifico.pdf. Acesso em: 8 mar. 2022.

ROSSO, S. D. **A jornada de trabalho na sociedade: o castigo de Prometeu**. São Paulo: LTr, 1996.

RUIZ, J. A. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Ed. Atlas, 1991.

SANTANA NETO, Alexandre Leocádio. **A formação continuada para o uso da TV multimídia: o olhar dos professores de história do litoral paranaense**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2012.

SANTOS, A. M. ; SILVA, A. Violência urbana e suas representações sociais. **Braz. J. of Develop.**, v. 6, n. 7 , p. 47370-47384, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/13276> Acesso em: 12 nov.2020.

SARAVALLI, T. L. S. **Redes de cooperação técnica internacional: o programa cidades do pacto global da ONU em Birigui – SP**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 2020.

SERRANO, P. J. **Metodologia do ensino e da pesquisa jurídica: manual destinado à requalificação da atividade docente e da pesquisa científica nas universidades**. Barueri: Manole, 2003.

SILVA, S. G. de. **A contribuição da pesquisa no desenvolvimento da aprendizagem da criança nas séries iniciais**. Natal: Instituto Natalense de Educação Superior (INAES), 2007.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2020.

VIEIRA, J. D.; GRAÇA, R. F.; RODRIGUES, A. J.; SILVA, J. A. B. Uma breve história sobre o surgimento e o desenvolvimento o capitalismo. **Ciências Humanas e Sociais**, v. 2, n. 3, p. 125-137, 2015.

VIEIRA, . D. L.; DINIZ, B. D. O valor trabalho na sociedade de risco: a fábrica global. **Revista Thesis Juris**, v. 4, n. 1, p. 13-40, 2015.

VIDOTTO, J. D. F.; FAZZIONI, D. P. M.; RADOS, G. J. V.; SELIG, P. M. A biblioteca virtual como ferramenta da gestão do conhecimento e inovação. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 11., CONGRESSO INTERNACIONAL IGLU, 2., 2011, Florianópolis. **Anais eletrônico [...]**. Florianópolis: Centro de Eventos da UFSC, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/26056/3.32.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 mar. 2022.

Recebido em: 15/02/2022

Aprovado em: 20/03/2022

Publicado em: 25/03/2022